

Prólogo



Londres, março de 1810

A seda que sujeitava seus pulsos com deliciosa pressão aumentava a sensação de prazer. Damien Sinclair, cativo por vontade própria, jazia ali indefeso, com os braços nus presos à guarda da cama por lençóis de seda vermelhos.

Podia se ver no espelho de moldura dourada acima de sua cabeça: seu corpo nu e musculoso sobre os lençóis brancos; seu pênis, perfeitamente ereto e duro em toda a sua extensão, sobressaía no pelo negro e crespo de suas virilhas.

Sua torturadora, a bela Elise Swann, vestia apenas um diáfano *négligé* de musselina, sem levar em conta o bracelete de esmeraldas com que ele a presenteara, num movimento inicial de seu jogo de sedução. As pedras verdes que adornavam seu pulso brilhavam na bruxuleante dança da chama da vela, enquanto os mamilos rosados de seus seios exuberantes se insinuavam atrevidos através do tecido delicado, com uma luxúria calculada para atizar a paixão até do mais profundo conhecedor já saciado.

Primeira atriz em Londres, ela fazia o papel de Cisne Prateado por causa de seu cabelo louro platinado, e seu desempenho era magnífico. A fascinante Swann queria persuadi-lo a tomá-la a seus cuidados, e esforçava-se para passar no teste e conquistar o lugar de amante dele.

– Agora que você me mantém em seu poder – disse Damien num tom brincalhão –, posso confiar que vai se comportar de maneira perversa comigo?

– Pode confiar, milorde. Prefiro tê-lo sob meu domínio – disse ela com a voz musical e cadenciada com que costumava encantar a plateia.

– Estou em suas mãos, minha cara.

Ela então pegou de uma mesa ao lado um chicote e roçou ligeiramente seu peito com o cabo. Damien levantou uma sobrancelha com ar indagador, imaginando se a atriz não teria entendido errado que devia recorrer a métodos singulares para despertar os desejos de um homem.

Quando jovem, ele levava uma vida desregrada e de prazer. Apesar de sua má reputação e do fato de vez por outra buscar novas experiências, não chegara ao ponto de ter de recorrer a perversões para satisfazer seus caprichos físicos. Seu apetite sexual era forte e imediato, principalmente com uma mulher bonita.

E o Cisne Prateado era muito belo. E também parecia ser perspicaz, porque hesitou quando viu seu olhar inquisidor.

– Suponho – observou pensativamente – que não seja preciso empregar mais força para estimulá-lo. Já está bastante excitado. Está enorme.

Mantendo o clima de gracejo, ele lhe retribuiu o sorriso encantador e perguntou:

– E o tamanho a desencoraja?

– Ao contrário, milorde – respondeu ela, dando uma gargalhada.

Com um movimento de cabeça, ele apontou para o chicote, dizendo:

– Sempre achei que se superestima a dor como afrodisíaco. Com certeza você pode ser mais criativa.

– Talvez eu possa – respondeu ela, provocante.

Deixou que o chicote caísse no tapete e pôs um dedo em seu sedutor lábio inferior, refletindo em voz alta:

– Deixe-me pensar. Um homem cujos feitos no campo amoroso são legendários... Um diabólico patife que, segundo dizem, leva as mulheres a chorar de prazer. Como é possível proporcionar diversão a um amante tão magnífico?

Lentamente, abriu o bracelete que usava no pulso. Com um sorriso malicioso, ajustou a peça em volta do membro plenamente ereto e voltou a fechá-la. Isso o deixou ainda maior e mais rígido.

Sentindo o contato frio das pedras na pele quente, Damien estremeceu, sorrindo ao perceber a artimanha dela.

– Isto é suficientemente criativo para o senhor, meu malvado Lord Sin*?

– Admiro sua imaginação – disse ele, rindo de prazer.

– Percebo que admira a amante audaciosa.

– A audácia tem seus méritos.

– Então, deixe que lhe mostre até que ponto vai a minha audácia.

Com frieza deliberada, envolveu com os dedos o ápice de sua virilidade, apertando-o e soltando-o com movimentos suaves.

– É raro encontrar um reprodutor tão bem dotado – disse com voz grave, inclinando-se sobre ele.

Damien fechou os olhos com um suspiro de prazer e entregou-se às habilidosas manobras de Swann. Com os lábios, a língua e os dentes, ela começou a se dedicar ao membro pulsante, empregando toda a sua experiência nessas artes, provocando-o a tal ponto que ele hesitava em render-se ao prazer.

– Você... está desafiando minha resistência?

– E não é essa a questão, milorde? – respondeu ela, com um sorriso provocante.

– Sim, mas queria que se juntasse a mim. Eu seria muito egoísta se quisesse monopolizar essa diversão, não acha? Venha, sente-se sobre mim.

Ela deu um passo atrás, provocando-o.

– Não creio que o senhor esteja em condições de fazer exigências.

– Não? – Com os braços ainda atados atrás da cabeça, Damien girou subitamente e esticou uma perna, envolvendo com ela a coxa de Elise. Apanhada de surpresa, a jovem foi puxada para cima dele.

* Jogo de palavras: “sin”, pecado em inglês, com o nome do personagem, “Sinclair”. (N. T.)

– Bem, já que insiste... – Com evidente entusiasmo, Elise se estendeu sobre ele, de modo que seus seios exuberantes roçavam o seu rosto.

Quando, através da fina musselina, ele conseguiu prender com a boca a ponta de um mamilo, ela deixou escapar um suspiro profundo. Damien, controlando seus próprios apelos sexuais, começou a excitá-la, chupando e mordiscando de leve o bico do seio.

Gemendo, já de modo audível, ela levantou as cadeiras e começou a esfregar-se nele com ardor. Damien fez uma careta de dor quando as esquecidas esmeraldas espetaram sua virilha. Então deixou escapar um riso arfante.

– O bracelete, minha cara. Se não quiser me emascular, seja gentil e liberte-me de sua joia.

Ela então se ergueu, com as pálpebras pesadas e os olhos cintilando de paixão, enquanto tateava à volta em busca do torturante bracelete. Ao atirá-lo no chão descuidadamente, voltou os olhos para ele e disse:

– Milorde, por favor..

– Por que por favor? – contestou ele com ar de ofendido, mas sorrindo. – É você que está no controle da situação, não é? Sou apenas um indefeso prisioneiro.

Novamente ela se reergueu, ajustando a fenda excitada sobre o rígido eixo. Damien podia sentir o triângulo de pelos crespos entre as coxas dela úmidos de excitação.

– Sim, venha, cavalgue-me.

Sem mais tardar, Elise o montou, baixando os quadris sobre o membro ereto com um suspiro de satisfação. Damien deixou cair a cabeça para trás, regozijando-se ao senti-la macia, úmida e palpitante em volta dele. Então, levantou os quadris e mergulhou mais fundo naquela passagem estreita e escorregadia, fazendo-a gemer de prazer.

Teve de repetir sua arremetida para estimulá-la a cavalgá-lo num passo sensual, que logo se intensificou, até atingir um ritmo frenético. Damien combinava seus movimentos com os dela, dedicando-se

a proporcionar-lhe prazer, até que a lúbrica e ardente mulher que o montava foi tomada pelo desejo. Retorcia-se... em fogo... subindo e apertando-se contra ele com uma selvageria animal. Com um grito incoerente, ela atingiu o êxtase, trêmula e sem fôlego.

Mesmo depois que ela se deixou cair sobre ele com um suspiro, Damien prolongou o momento, permitindo que as pulsantes convulsões se esvaíssem, antes que ele próprio se perdesse na obscuridade do surto de paixão. Inclinando-se para trás ante o explosivo desejo, permitiu que sua selvagem luxúria o controlasse.

Ao recuperar os sentidos, viu que Elise ainda estava estirada sobre ele, com a respiração formando delicadas ondulações em sua pele suada e fria, e que os lenços de seda lhe apertavam os pulsos, causando-lhe desconforto.

– Você me faria um favor?

Com esforço, ela se levantou para desatar os nós e voltou a cair entre os travesseiros, com os olhos pesados de lânguida satisfação.

– Disseram – murmurou ela num tom de admiração – que você era um homem de paixões legendárias. “Perverso e maravilhoso”, diziam. Agora posso testemunhar que a fama não era exagerada. Mesmo assim, não esperava que você fosse... um amante tão atencioso.

A resposta dele veio quase imediatamente – o tipo de elogio que ela desejaria ouvir:

– Sua reputação igualmente não lhe faz justiça, Elise. Você é a fantasia de todo homem.

– Então, meus serviços foram do seu agrado, milorde?

Sexualmente satisfeito, embora não plenamente saciado – o que ultimamente parecia ocorrer quase sempre –, Damien respondeu com um murmúrio que poderia ser tomado como concordância. Realmente, o desempenho dela não deixava a desejar. Ao contrário – ele começava a crer –, tratava-se de algo que estava nele mesmo.

A suntuosa Swann teria sido a amante perfeita. Famosa tanto por seu desempenho numa alcova quanto num palco, ela era sensual e su-

ficientemente ferosa para excitar sua paixão. Toda Londres a achava fascinante, a ponto de seus favores serem disputados em duelos. Se ela fosse incapaz de satisfazer a inquietação que recentemente vinha fermentando dentro dele, bem, então talvez suas expectativas fossem exageradas.

Damien abriu os olhos e viu que ela o estudava atentamente. Sem dúvida, estava calculando que remuneração poderia esperar dele – casa, carruagem, criados, joias.

– Compreendo – começou ela, com cuidado – que atualmente você não tem encargos com uma amante, não é mesmo?

– E como você poderia não saber disso? – replicou ele secamente, referindo-se ao escândalo provocado pelo fim de sua última ligação amorosa.

– De fato. Esse foi durante dias o tema das conversas na cidade.

– Alguns comentários provavelmente receberam retoques.

– Talvez. O perverso barão Sinclair costuma ser o primeiro a alimentar os mexericos. Mas, ainda assim, deve haver alguma verdade nos boatos.

– O que exatamente você andou ouvindo?

– Que, quando você dispensou Lady Varley, ela ameaçou atirar-se no Tâmis, e que você se ofereceu para conduzi-la até o cais em seu próprio coche, para que ela pudesse executar a façanha.

– Simplesmente me ofereci para levá-la para sua casa. Ela estava muito perturbada – disse ele, rindo ao se lembrar do fato.

– Imagino que essas cenas devem aborrecê-lo – disse Swann. – Isso acontece comigo. É muito desagradável ser alvo desse tipo de atenção indesejada. Você não deve apreciar nem um pouco ver nobres damas desmaiando à sua frente e declarando-lhe seu amor eterno.

– Posso lhe garantir que aquela dama não estava apaixonada por mim. Apenas acreditava que sim.

– Diz-se ainda que milorde partiu muitos corações femininos.

Em resposta, ele apenas murmurou algo indefinível.

Com um gesto sensual, Elise afastou da testa uma mecha de cabelo que se soltara, dizendo:

– Moral da história: não entregue seu coração a um libertino.

– Sábia filosofia – disse Damien com os olhos frios, suavizados pelo costumeiro sorriso encantador –, mas eu acrescentaria: jamais entregue seu coração.

– É por isso que considero o amor apenas uma proposta de negócios.

Ele sabia que Elise estava tentando astutamente tranquilizá-lo, ao prometer que não faria uma cena ou exigiria qualquer coisa quando inevitavelmente se separassem – o que era uma sorte.

Damien não tinha interesse em nenhum tipo de ligação permanente. Seus casos sempre duravam poucos meses, raramente passavam disso, e ele adotara o costume de não manter nenhuma amante por mais de uma temporada. Por experiência, sabia que essas relações prolongadas podiam ser bastante deletérias. Além disso, não tinha intenção de imitar o falecido pai, deixando-se obcecar por alguma beleza tentadora. Nem mesmo pelo fascínio do Cisne Prateado.

Contudo, antes que pudesse comentar a promessa dela, ouviram-se passos rápidos fora do dormitório e uma batidinha hesitante na porta.

– Madame, peço-lhe que me perdoe – disse uma voz feminina –, mas está aí um cavalheiro que deseja ver Sua Senhoria.

Com o belo rosto tomado por repentina raiva, Elise saltou da cama e foi até a porta, abrindo-a apenas o suficiente para sussurrar asperamente:

– Já lhe disse que não me interrompa quando tiver visita!

– Mas ele disse que era assunto de máxima urgência. Pediu que dissesse a Sua Senhoria que seu nome é Haskell.

Damien conseguiu captar o nome de seu secretário e franziu o cenho. Ele se perguntava de que assunto urgente poderia se tratar, enquanto se sentava na cama e pegava os calções de cetim. Enquanto a graciosa Swann, como uma peixeira, ralhava com a serviçal, ele reuniu o resto de suas roupas e foi até a porta.

– Você disse que o senhor Haskell está aqui? – perguntou à jovem.

– Sim, milorde. – A trêmula criada fez uma mesura, enquanto relanceava um olhar de medo para a patroa. – Eu o deixei lá embaixo, no gabinete verde, milorde.

Damien virou-se abruptamente e tomou a direção das escadas. A atriz cobriu-se como pôde e foi atrás dele.

Encontrou o gabinete sem dificuldade e, assim que entrou, viu o secretário andando de um lado para outro. George Haskell era um homem alto, de boa aparência e traços regulares, cabelo de um castanho indefinível e óculos de aro dourado. Normalmente tinha um senso de humor vivo, mas naquele momento exibía uma expressão severa, que seu patrão jamais vira nele.

– O que houve, George? O assunto deve ser muito importante para trazer você aqui.

O secretário olhou para a atriz, que aparecia à porta do gabinete.

– Estou aqui por uma questão de extrema urgência, milorde. Poderíamos falar em particular?

Vendo-se alvo de atenção, graciosamente, Elise enrubesceu.

– Naturalmente, vou deixá-los a sós. – Educadamente, afastou-se e fechou a porta.

– O que está havendo? – perguntou Damien, impaciente.

– Receio ser portador de más notícias. Sua irmã sofreu um acidente.

Damien sentiu um aperto no coração.

– Olivia?

A pergunta era desnecessária, já que tinha uma única irmã, uns quinze anos mais jovem que ele, que vivia na tranquilidade de uma casa de campo em Rosewood, solar dos barões Sinclair.

– Como foi o acidente?

– Não disponho de todos os detalhes. A mensagem que seu administrador me enviou foi redigida com pressa, mas parece que a senhorita Sinclair caiu de uma escada. Ao voltar a si, havia perdido completamente a sensação das pernas. Chamaram um médico e, embora não tenha

detectado nenhuma fratura, ele acha que a queda pode ter causado uma lesão na coluna vertebral. Há risco de que ela possa ficar inválida.

Damien o olhava fixamente. O choque o deixara sem fala.

– Receio que isso não seja tudo – acrescentou George, com voz sumida.

– O que mais pode haver?

– De acordo com a mensagem, acho que o acidente se deu durante uma...

– Uma o *quê*, homem? Diga logo!

– Milorde, o senhor não deve se preocupar com isso... Foi uma fuga frustrada.

– Uma o *quê*?

Damien balançava a cabeça, inconformado. Não conseguia acreditar que sua irmã, tímida e protegida, tivesse tentado uma fuga, mesmo que a governanta que contratara para cuidar dela o permitisse.

– Isso é impossível. Deve se tratar de um engano.

– Talvez sim – disse George, em tom de dúvida.

– Quem era o homem?

– O homem?

– O que a seduziu. Com quem ela pretendia se casar?

– A mensagem fala de um Lord Rutherford, mas não afirma claramente que seja ele o culpado.

Damien conhecia um certo visconde Rutherford, um jovem um tanto imaturo que acabara de receber o título de nobreza.

– Aqui está – disse o secretário. – É melhor que o senhor mesmo leia a carta enviada por Bellows.

Damien pegou o pergaminho e apressadamente pôs-se a ler a escrita ilegível do administrador. O trágico acidente ocorrera em Alcester, em Four Lions, um campo de treinamento próximo ao solar da família Sinclair, em Rosewood. A mensagem descrevia a extensão dos danos sofridos por Olivia, segundo suspeitas do médico, e conjecturava sobre o modo como ocorrera o acidente. Bellows dizia:

Lamento informá-lo sobre notícias tão desastrosas, mas suspeito que sua irmã planejava fugir. No entanto, no último momento, o cavalheiro em questão voltou atrás. Transtornada, a senhorita Olivia pôs-se a correr, o que ocasionou sua queda. Lord Rutherford imediatamente chamou o médico, mas o dano estava feito – temo que não só a ela pessoalmente como também a sua reputação.

Espero manter sigilo sobre essa história triste, mas sei que não será possível fazer isso para sempre. Peço-lhe, milorde, que me mande instruções e conselhos sobre a melhor maneira de lidar com essa grave situação.

Seu humilde servidor,
Sydney Bellows

Damien passou as mãos pelo cabelo negro. Já fora autor de incontáveis escândalos, mas mantivera a irmã mais nova protegida no campo, educada pelas mais decorosas instituições. E agora, ao que parecia, Olivia criara seu próprio escândalo, com a agravante de ter saído dele com graves lesões... talvez para toda a vida...

Uma raiva selvagem perpassou seu corpo e se alojou no peito. A carta não dizia o nome do sedutor, mas, quem quer que houvesse causado mal a Olivia, iria sentir o peso de sua ira. Atravessaria o canalha a bala – ou, melhor ainda, trataria de estrangulá-lo com as próprias mãos.

– Tomei a liberdade – murmurou o secretário – de preparar sua caruagem. Imaginei que o senhor ia querer ir para casa imediatamente.

– Sim – disse Damien, distraído, ainda entorpecido pelo choque.

Reanimando-se para agir, acabou de se vestir em segundos. Seu lenço ficou caído no chão enquanto ele vestia a jaqueta. Em seguida, depois de jogar o sobretudo sobre os ombros, dirigiu-se à porta.

Tocando a manga dele com sua mão graciosa, Elise deteve seus passos e disse:

– Milorde, certamente não está indo embora, não é?

– Perdoe-me, mas é preciso que me vá.

– Mas ainda não concluímos nossos...

Entendimentos era o que ela queria dizer.

Damien, impaciente, cerrou os dentes e respondeu de um modo bem distinto de seu charme habitual.

– Devo resolver alguns assuntos urgentes.

Ela sorriu com expressão lamentosa.

– Estou muito decepcionada. Sua visita foi tão breve!

– Quando puder, voltarei.

Fez uma ligeira mesura e retirou o braço que ela segurava.

Deixando atrás a bela e sedutora Elise, seguiu o secretário e saiu para a noite fria, consumido de fúria e de temor pela irmã – e com uma feroz sede de vingança.